



H0882

QUANDO A CIÊNCIA ARREBATADA: TATEANDO RELATOS DE AMOR E CAOS

Sheyla Cristina Smanioto Macedo (Bolsista FAPESP) e Profa. Dra. Susana Oliveira Dias (Orientadora), Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo - LABJOR, UNICAMP

Quiséramos a sorte de divulgar a ciência como quem escreve cartas de amor para o caos: cartas que não se sujeitam a determinação de um destino, e sempre quase chegando persistem em seu caminho – trata-se de um esforço político que envolve estar onde arte e política se tornam indiscerníveis. Quiséramos essa divulgação científica, que não se pretende sujeita a determinações e aposta na *potência do quase*, nesta pesquisa que buscou – na companhia de Bioy Casares, Nietzsche, Rancière e Deleuze&Guattari – pensar a relação entre mundo e palavra quando a intenção é o registro a partir da ideia de “correspondência”, considerando a importância deste conceito tanto para a divulgação científica quanto, mais amplamente, para os estudos científicos relatados. Quando não considera que o pensamento tateia a temporalidade das palavras para se constituir, certa escrita recai em dicotomias - pretendendo palavras que se anulem até a própria inexistência/neutralização para transmitir/substituir uma mensagem, apostando na correspondência, envolve-se em “ironias de sentido”. Diante de um domínio da ciência tão amplo que coincide com a própria obviedade, a pretensão de uma escrita cuja aspiração é convencer a todos de sua própria inexistência/neutralidade nos inquietou: *como compor um corpo com fósseis de metáforas que são, afinal, as palavras?* É nesse lugar-incomum que situamos a divulgação científica, questionando-nos da potencialidade de trazer não a *opinião* (Deleuze), mas um pensamento que se dê pela *escrita* (Rancière) na medida em que estabelece diferentes relações com o caos (Deleuze).

Divulgação científica - Escrita - Ordem/caos